

RESENHA

MARTIN, NASTASSJA. *ESCUTE AS FERAS*. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2021. 112 p.

Andressa Lidicy Morais Lima
Doutora em Antropologia Social, Universidade de Brasília
E-mail: andmoraislima@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 14, 2022, e01414, p. 1-6

ISSN 2447-9837



Foi entre as estações do ano que Nástia encarnou após o “beijo do urso”. Durante uma expedição no leste da Sibéria, Martin experimentou um acontecimento vital. Nástia era Nastassja Martin em outro modo de existência. E Martin era uma jovem antropóloga de Grenoble, sudeste da França. Nástia nos narra sua experiência de movimento como “acontecimento urso”: o encontro com um urso cinza que lhe abocanhou a maçã do rosto, três dentes e pedaços de sua mandíbula.

Suspensas de nossos velhos hábitos do pensamento acerca do que acreditamos ser um relato de viagem, nós nos permitimos participar da viagem de Martin rumo a uma experiência de “alteridade radical” entre-mundos e intramundos das florestas de uma Sibéria ainda selvagem. Não é de hoje que os relatos de viagens ganharam os olhos e a atenção de escritores e viajantes. Sabemos que a própria antropologia se fez e se refez através das experiências de viagem. De fato, é no “movimento/viagem” que toda/o antropóloga/o experimenta a alteridade. Com Martin não foi diferente. A autora viajou pelos mundos do povo *even*, nativos da floresta que, cortando a Manchúria e a Mongólia, alcança as montanhas da região de *Kamtchátka*. Distantes da era pós-soviética, os *even* habitam a floresta siberiana, falam russo, caçam renas, pescam salmão; enfim, coabitam com os não humanos.

Construído a partir de uma temporalidade entre fronteiras que se borram, Martin descreve seu relato entre as estações. O outono, associado ao urso cinzento por povos ameríndios do Norte, foi também a estação do “acontecimento urso” de Martin. O inverno anunciado pela neve, por sua vez, correspondeu ao circuito de cuidados médicos em instituições hospitalares da Rússia e da França. Já na primavera, ela, como que vivendo um estranhamento-de-si, inicia uma nova jornada de retorno às montanhas da Sibéria, sentindo estar entre-mundos. Finalmente, o verão é o momento de encarar a buliçosa pilha de cadernos de campo, em que ela descobre “a incerteza” e “uma promessa de vida” (MARTIN, 2021, p. 106). Passado e futuro se encontravam na narrativa com alto teor descritivo, no melhor de uma narrativa etnográfica, uma “descrição densa” (GEERTZ, 2008) e uma densa descrição.

Em sua viagem, Martin não nos apresenta conceitos, teorias e métodos de pesquisa típicos de uma etnografia, mas oferece à leitora uma riqueza de experiências sensoriais. Não anuncia os esquemas conceituais da antropologia que lhe serviriam de mapa, ainda que, no seu impensado, estejam todos lá, presentes em sua escrita. O animismo não é pronunciado, mas sentido em outro lugar. Como em outros animismos, trata-se de política afetiva dos “povoados” humanos e não humanos: os *even*, o norte, o sul, o quente, o frio, os sonhos, as montanhas, a floresta, o urso, entre outros. Martin navega agora entre mundos, habitada por calor, bafo, peso, densidade, pelagem, uivo e olhar encarado de um urso que adentrou seu corpo. Após



o “acontecimento urso”, a autora, também protagonista de sua descrição, não se sabe inteira ou aos pedaços, apenas viva e diante de uma novidade ontológica. Não se pensa como vítima de um ataque urso, mas respira e pensa a mil por minuto, ao se dar conta de que golpeou a fera e a fez gemer, sangrar e sair de cima dela.

Ao mesmo tempo em que somos levadas a habitar a fronteira ontológica entre a dor e a incerteza do “acontecimento urso”, Martin nos revira, e não se satisfaz com o alinhar das agulhas costurando sua mandíbula durante sua estadia em um hospital russo. Não deixa de refletir sobre a política que se instala numa guerra sempre fria entre França e Rússia, quando os médicos franceses decidem abrir novamente Martin para substituir o que foi feito pelos russos. Tal acontecimento lhe causa um conjunto de angústias; os encontros com psicólogas e analistas não oferecem o esperado. Martin sente não ser ouvida, tanto sobre o desejo de permanecer com o confiante implante russo, quanto sobre o sofrimento decorrente de uma cirurgia, que resultou em uma infecção bacteriana e uma nova cirurgia em renomado hospital francês. Política e ontologias estão no centro da experiência corporificada de fazer doer no mundo humano – justo quando ela esperava que ali houvesse o remédio ideal para suprimir esse estado de um sofrimento contínuo exposto em seu corpo.

Após o tempo de feridas abertas e troca de curativos, a antropóloga passa a viver o drama de não se reconhecer. A experiência de lacuna que ela vive entre o “acontecimento urso” e a busca por perguntas é um momento vivido como “liminaridade” (TURNER, 2005, p. 137). Ávida pela alteridade que a antropologia a instiga a exercitar, Martin decide voltar ao labirinto da floresta dos *even*, em uma contumaz busca por explicações para os sentidos cosmológicos que passam a estender memórias e perguntas. Sensações corporais comunicam, para ela, a ideia de que o urso ainda está ali, e que, de alguma forma, Martin segue com o urso. Imersa no “vazio semântico” (MARTIN, 2021, p. 78), agora o ser-além-de-si transita entre mundos. Experimenta-se o puro fluxo da vida que precede o conceito e a consciência, a *pure experience* (JAMES, 1976). E de volta à acolhida da família de Dária – a chefe de uma família *even* que a recebe em sua casa –, Martin renasce Nástia dos *even*. Entre-mundos, a autora tornou-se uma *miêdka*, um híbrido, um ser “plurimodal” (SOURIAU, 2020), meio a meio, meio mulher e meio urso.

No beijo do urso em meu rosto, nos seus dentes que se fecham em minha face, no meu maxilar que estala, no meu crânio que estala, na escuridão dentro da sua boca, no seu calor úmido e no seu hálito carregado, no aperto de seus dentes que se soltam, no meu urso que, bruscamente, inexplicavelmente, muda de opinião, seus dentes não serão os instrumentos de minha morte, ele não me engolirá (MARTIN, 2021, p. 16).



Entre os conflitos existenciais por onde navega, Nástia percebe-se também diante de conflitos exteriores, como na experiência da bactéria que se instala em sua mandíbula e precipita uma nova cirurgia; ou mesmo pela organização social, expressa no sistema de evitação que se opera entre os *even* a respeito da pessoa *miêdka*. Nástia sustenta seu novo edifício cosmológico com a regência de Dária, “uma mulher que conhece a dor em sua carne, a vida e a morte, [...] sabe ver entre mundos” (MARTIN, 2021, p. 22) e talvez por isso não responda ao rito de evitação, ao afirmar que Nástia já era, antes do “acontecimento urso”, *mátukhat* (palavra feminina *even* que quer dizer urso). Sendo assim, Nástia passa a compreender que o mundo se desmorona em todo lugar, conscientemente vivendo em ruínas, em todo precipício das tragédias políticas, médicas, hospitalares e ambientais que nos alcançam, e dando-se conta de que, ao “beijar o urso”, ela conheceu um novo lugar de pertencimento.

Nástia não aceita a posição de ser atacada. Em seu entendimento, vive um encontro com o urso. Um encontro entre mundos. Ela não lutou contra ele, lutou com ele, e disto resulta essa “sobrexistência” (SOURIAU, 2020) com a fera. Outros mundos, de que passou a compartilhar e participar. Seu relato sobre o que na antropologia social chamamos de “imponderável da vida real” (MALINOWSKI, 1978) se sobrepõe a qualquer exercício sobre o fazer antropológico, mas não o suprime. Em sua narrativa, há algo de seu passado de antropóloga que persiste comunicando conosco, nas descrições de regras, de etiquetas, da relação com os interlocutores, dos inúmeros potenciais de uma pesquisa etnográfica.

Nástia dá pistas sobre a sua maneira de construir e executar o campo, mas não a divide em tópicos, como “método” e “metodologia”. Em seu escrito, a antropologia se realiza no exercício de habitar a alteridade; a partir das disposições adquiridas e corporificadas com a nossa disciplina, lemos um relato impactante sobre uma situação limite da sua atividade de pesquisa etnográfica. Ao narrar a experiência de “evitação” que marca o seu corpo em deslocamento ontológico naquele lugar, naquelas relações, a escritora sente o peso da desconfiança instalada por Válierka, primo de Dária, que, em tom de distanciamento, anuncia aos *even*: “ela é *miêdka*. Quer dizer que a gente não encosta nas coisas dela” (MARTIN, 2021, p. 92). A essa altura, estamos confortáveis em apreender o lugar social do “acontecimento urso”; já passamos por abjeção, sofrimento, depressão, estados de niilismo, coragem, repugnância e pela mágica da imaginação. Esta se dá na experiência de deslocamento para sonhar – outro importante elemento das linhas escritas pela antropóloga.

Mas o que promove o movimentar e o experimentar com Nástia/Martin é esse desestabilizar da forma matéria, que a autora acreditava inerte. É o encontro e o intercâmbio afetivo com a fera que transmuta um modo de existência em outro (plu-



rimodal), que forja uma nova relação social (parentesco). É o “acontecimento urso” que autoriza Dária, a chefe do clã, a manter proximidade afetiva com Nástia. Enfim, não foi a dobradiça da regra primordial que produziu a relação mais elementar de parentesco (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 49), mas o acontecimento vital. Entre-mundos e intramundos (dos *evens*, do urso e de um “Outro” si), Nástia/Martin escolheu não fazer uma interpretação (antropológica) de “segunda ou terceira mão”, mas dar uma “forma” literária para o reconhecimento animista da “[...] identidade da interioridade entre humanos e não humanos e uma não identidade na fisicalidade” (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 97-98).



REFERÊNCIAS

DAVID-MÉNARD, Monique. **A vontade das coisas: o animismo e os objetos**. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JAMES, William. **Essays in Radical Empiricism**. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SOURIAU, Étienne. **Os diferentes modos de existência**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: Aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

Recebido em: 14/12/2022
Aceito para publicação em: 22/12/2022

